

AMBIENTE

Pedida mais ajuda econômica para a Amazônia

Representantes do G-7, do Bird e do governo brasileiro avaliaram o projeto piloto para proteção da floresta, financiado, até 99, pelos países industrializados, que prevê liberação de US\$ 290 milhões

BONN — A 3ª Conferência Internacional para a Proteção das Florestas Tropicais Brasileiras terminou ontem em Bonn, na Alemanha, com um pedido de maior participação da economia privada nos atuais programas de defesa da selva amazônica. O documento foi formalizado após três dias de discussões entre representantes dos sete países mais industrializados do mundo — Estados Unidos, Canadá, Japão, Grã-Breta-

nha, França, Itália e Alemanha — integrantes do G-7, do Banco Mundial (Bird) e do governo brasileiro.

Durante o encontro, foram avaliados os resultados até agora alcançados pelo projeto piloto para a proteção da Amazônia, financiado até 1999 pelo G-7, que prevê US\$ 290 milhões. O ministro do Meio Ambiente, Gustavo Krause, que participou da reunião, denunciou a rapidez com que avança a destruição da

maior floresta tropical do mundo. Segundo dados apresentados pelo ministro, entre 1992 e 1994, o índice de desmatamento aumentou a um ritmo de 10% por ano. De acordo com o ministro, “é necessário colocar um freio nas lógicas econômicas de acesso à selva”. Ele afirmou que “a crescente estabilidade política e econômica do Brasil será o melhor fundamento para a proteção da Amazônia”.

Segundo ecologistas, desde a Rio-92, as queimadas e a retirada de madeira consumiram, em poucos anos, uma área equivalente à da Dinamarca. Os dados, relativos ao desmatamento ocorrido entre 1991 e 1994, re-

forçam acusações de ambientalistas de que a redução no desmatamento em 1991 foi provocada mais por problemas econômicos no País do que por alguma ação significativa para brejar a destruição das matas.

“Acho que na cabeça de muitas pessoas a queima das florestas na Amazônia teve um começo, um meio e um fim”, disse Stephan Schwartzman, cientista do Fundo de Defesa do Ambiente. Os novos dados, disse, contrariam essa

impressão. “A queima da Amazônia não acabou; está pior.”

Os dados mostram que o desmatamento aumentou 34%, indo de cerca de 6.900 quilômetros quadrados de mata entre 1990-91 para aproximadamente 9.100 quilômetros quadrados em 1994, segundo os ecologistas. Análises dos números relativos a 1995, ainda não

divulgados, deverão mostrar um aumento ainda maior no desmatamento, disse Philip Fearnside, professor de ecologia do Institu-

to Nacional de Pesquisa da Amazônia, em Manaus.

O governo brasileiro anunciou uma série de medidas em julho para impedir a retirada ilegal de madeira. Aumentou de 50% para 80% a área que os proprietários da região precisam preservar de floresta tropical.

De acordo Bruce Beehler, do Departamento de Ecologia dos EUA, até agora foram gastos apenas US\$ 10 milhões dos US\$ 290 milhões prometidos pelo G-7. Para o próximo ano, as nações industrializadas terão de decidir se estenderão a autorização e, talvez, aumentem o fundo, para o qual o Brasil pediu, originalmente, US\$ 1,5 bilhão.

KRAUSE
FALOU SOBRE
DEVASTAÇÃO
DA AMAZÔNIA

INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Data 13/19/96 Pg. 1-20